



VEREADORA MONICA LEAL (PP) – Tempo de Presidente: Boa tarde colegas vereadores e vereadoras, pessoas que nos assistem. Eu, como jornalista, tenho o hábito, pela minha origem, de ler muito, acompanhar todas as rádios, como Gaúcha, Guaíba, Bandeirantes. Pesquiso, e essa questão do carnaval me pegou fora de Porto Alegre, fiquei muito surpresa e rapidamente me aprofundi no assunto. Confesso a vocês que a primeira coisa que me veio à cabeça foi o tão defendido evento, nesta Casa, Saint Patrick's Day.

Vários colegas subiram nesta tribuna e defenderam que ele acontecesse, enquanto eu fui radicalmente contra por uma razão muito simples: que a Rua Padre Chagas não comporta de forma alguma grandes aglomerações. E aí fui pesquisar, peguei a matéria em que disse, finalmente, aquilo que a sociedade, como um todo, sabia no fundo, assim como eu: “Brigada Militar não quer Saint Patrick's Day na Padre Chagas. Em reunião com o Ministério Público, o Comandante do 9º Batalhão sustentou que a rua não tem perfil para grandes aglomerações”. Essa matéria saiu em fevereiro no jornal. E aí me transporte para o carnaval, carnaval que aconteceu na Cidade Baixa.

É claro que nós sabemos, eu fui secretária da cultura no governo Yeda, e fui uma grande apoiadora do Carnaval, que é uma festa popular. É a festa com o cunho popular mais forte que nós temos; é onde, democraticamente, as pessoas se encontram, confraternizam, dançam – pessoas de todas as classes sociais. Nós sabemos então que o carnaval é uma celebração popular, porém, nas manifestações de rua entendo que deve sempre ser respeitado o direito de quem não participa da festividade, de quem tem que transitar e de quem mora na região. Vejam bem: para os dois eventos, o carnaval e o evento tão famoso que ficou na Rua Padre Chagas. É não é isso que ocorre no carnaval realizado no bairro Cidade Baixa. Eu conversei com pessoas que lá moram – tenho assessores que moram naquele bairro. Após a dispersão da multidão, que foi um fato lamentável que aconteceu, quase uma guerra, nós temos que, em primeiro lugar, pensar que deve estar o respeito aos moradores, inclusive aos muitos idosos que precisam de paz, descanso, horário, bem como ao patrimônio, já que houve veículos vandalizados e residências pichadas por grupos que foram ao local com essa intenção. Os baderneiros chegaram a enfrentar o choque da Brigada Militar. Vejam bem, foi uma coisa planejada, organizada. Não foi assim: “de repente estou lá e vou enfrentar o choque”. Isso tudo aconteceu de forma planejada. Assim eu defendo que o carnaval de rua de Porto Alegre

deva ocorrer integralmente em locais não residenciais. Nós temos que pensar nos moradores, na segurança dos cidadãos, mas também não podemos deixar de incentivar a cultura popular. Eu creio que é o momento de a Prefeitura de Porto Alegre tomar as rédeas do problema que decorre desses eventos. Em toda festa que tem multidão, é claro que a consequência pode ser essa. Então, sabemos muito bem que, se nesses eventos tiver disciplina, segurança, um processo que tenha início, meio e fim, oferecido pelo poder público, há menos chance de confusão. O evento, a Cidade poderia organizar, impor regras, dar segurança, mas ela terceirizou – a Prefeitura terceirizou esse evento, digamos, fazendo um edital para ver quem organizaria. E a Prefeitura trabalhou somente na consequência, no respaldo, depois dos fatos negativos ocorridos. Isso não é bom para a Cidade, isso não é bom para a cultura, isso não é bom para o carnaval, de forma alguma. Eu li aqui que o prefeito Nelson Marchezan, na boa intenção, achando que estava fazendo o melhor, afirmou que a festa deste ano não teria nenhum recurso oriundo dos cofres públicos, por isso ele pensou num carnaval mais profissional, mais organizado e ainda maior: “Queremos entregar a todos que participa e também para aqueles que não gostam da data mais conforto e segurança”. E foi terceirizado, grande erro, porque não deu certo. Então, nós temos que voltar ao modelo antigo. Nós precisamos também tratar da questão que essas festas, como o carnaval, ocorram em lugares que não tenham moradores que sejam penalizados por essa questão do carnaval. Vejam bem, as confusões registradas nas últimas madrugadas na Cidade Baixa deixaram parte dos foliões apreensivos; não foram somente os moradores, foi um campo de guerra que aconteceu na Cidade Baixa, e nós não podemos cruzar os braços para isso. É preciso, sim, que a Câmara de Vereadores de Porto Alegre, como representante do povo desta Cidade, faça uso das suas prerrogativas e discuta com o Executivo, e o Prefeito tome as rédeas de um evento que precisa ser organizado, precisa ter início, meio e fim. Ninguém aqui está falando em recursos públicos; nós estamos falando em planejamento, que foi anunciando, em alto bom som: será a primeira vez que Porto Alegre terá um carnaval de rua organizado, a partir de editais, com regras e cadernos de encargos, elaborados por diversos setores da Prefeitura. Nós temos que tratar disso. Obrigada.

(Não revisado pela oradora.)